

GEOGRAFIA TEXTUAL E LEITURA IMANENTE

Denis Avelino dos Santos¹

Ciro de Oliveira Bezerra²

Mayris da Paz Lima³

Zaine Paula dos Santos⁴

RESUMO

Este artigo analisa a escrita, a leitura e o estudo como objetos geográficos da intelectualidade humana. A geografia textual é uma configuração geolinguística entre o intelecto humano e o mundo. Sua territorialidade ocorre por uma coletividade de categorias, conceitos e ideias. Estas são unidades significativas sistematizadas pelo Método da Leitura Imanente que, somada as unidades epistemológicas, constitui uma ferramenta de apreensão de toda extensão humana. O estudo, assim, revoluciona os corpos por ser uma atividade humana sensível que permite percorrer simultaneamente sua interioridade (memória, sentimentos, imagens, afetos, imaginações, emoções, intuições, entre outros) e exterioridade (modo de vida, personificação de formas sociais, posicionamento territorial). A escrita permite vivenciar, reelaborar e potencializar constantemente os nossos pensamentos, ações e emoções. É, pois, razoável, genuíno e revolucionário que as possibilidades no estudo sejam uma forma de orientar a nós mesmos em um exercício espiritual capaz de dispor e despertar um trabalho de si, em si e por si.

Palavras-chave: Estudo, Leitura Imanente, Escrita, Trabalho Pedagógico, Geografia Textual.

INTRODUÇÃO

A atividade de escrever tem duas características elementares: é territorial e se funda na tríplice obrigação que orienta o princípio ético da dádiva (dar receber e retribuir), princípio que orienta os vínculos sociais entre as pessoas, ainda que estas não tenham consciência dele. Realizada num determinado ponto ou lugar no território, em uma contiguidade infinita de lugares conexos, a escrita entrelaça e está entrelaçada as infinitas atividades nesta contiguidade espacial e/ou territorial. A escrita constitui um intrincado mundo de relações que acreditamos ser singular, onde circulam palavras em textos portadores de sentidos, e que despertam sentimentos, razões, paixões e ódios.

O escritor, leitor obsessivo e inveterado, pesquisador e estudioso é, também, um eterno devedor de uma população de trabalhadores que torna possível a sua existência

¹ Graduado pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, denisavelino@yahoo.com.br;

² Prof. do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, ciro.ufal@gmail.com;

³ Graduada do Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, mayres_paz@hotmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, zaine.paula@hotmail.com.

neste território-mundo, trabalhadores que viabilizam a existência de sua vida material e espiritual, que o possibilita dedicar-se a atividade de estudar, escrever, socializar e compartilhar suas ideias, descobertas e impressões no-e-do mundo existente. O escritor é, sobretudo, um escultor de si mesmo, de sua interioridade ou espiritualidade humana: sentimentos, emoções, intuições e afetos; mas também dos leitores, quando esses se permitem estudar sistematicamente os textos escritos com esse objetivo.

Os saberes e conhecimentos dos escritores, que lhes permitem desenvolver sua atividade: a escrita, são imateriais e não podem ser medidos ou pesados. Foi acumulado durante o tempo de trabalho intelectual, socialmente necessário, relativamente longo, que compreende os anos de formação intelectual do escritor. Para se apropriar dos saberes e conhecimentos, necessários à atividade de escrever, o escritor precisou da colaboração de muitos professores estudiosos que o iniciou na atividade intelectual, incluindo a escrita, precisou de livros disponíveis em bibliotecas ou comercializados por livreiros e livrarias. Mas para aprender a escrever também precisou de disposição psicológica, de disposições emocionais e da pulsão compulsiva de escritores pregressos, que tiveram o compromisso e determinação de escrever para a posteridade. Todo esse *habitus* e esse *ethos* se conquista na atividade de estudar de forma regular e sistemática.

O cosmopolitismo é a casa, o habitat geohistórico, do escritor. Está obrigado a devolver ou retribuir, na forma de diálogos, livros e/ou qualquer forma de escritura, tudo que as pessoas lhes deram e ele recebeu para que pudesse dedicar a vida ao trabalho intelectual: estudo, leitura, escrita, diálogo e pesquisa, conhecer e acumular conhecimentos, e durante um tempo longo de dedicação para que, com os recursos literários incorporados, possa escrever e devolver textos literários em forma de dramas, romances, tragédias e mesmo trabalhos literários de gênero acadêmico, suas impressões e compreensões do mundo natural, humano e cosmológico. Tudo isso dá sentido a antropologia, significa civilização, humanidade, e configura a geografia humana.

Os escritores constituem uma população específica de produtores, dentro do trabalho social total, e seus produtos são de conteúdos literários. Dentre outras coisas eles são capazes de estimular os sentimentos mais profundos do ser humano e deviam ter a consciência desse poder. Poder de produzir efeitos diversos sobre os sentimentos, emoções e afetos, em si e nos outros, pela composição de palavras. Portanto, a escrita desperta os sentimentos humanos e, com isso, torna possível os seres humanos se sentirem mais vivos, e pela simples

possibilidade de se sentirem tocados por palavras. Os sentimentos estão em silêncio, mudos, imóveis em nossa interioridade humana. Uma palavra, apenas uma palavra, e pronto, desencadeia-se uma erupção de sentimentos, emoções, ideias, imagens, imaginações, pensamentos.

METODOLOGIA

O Grupo de Pesquisa Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana e Grupo de Estudo Milton Santos, vem a algum tempo experienciando, por meio do estudo, o exercício hadotiano do trabalho de si, em si e por si. Enxergamos em nós um laboratório pedagógico tão longe e tão perto. Os artifícios de pesquisa utilizados se abrigam na leitura imanente. Um dos objetivos da leitura imanente é identificar as *unidades significativas* na *geografia textual ou literária*: categorias (forma de ser ou modo de existência), conceitos e ideias. Estes relacionados às categorias. Além disso, é importante registrar todas as *palavras desconhecidas* e seus significados. Há também a necessidade de identificar as *unidades epistemológicas* que constituem o vocabulário das ciências: objetivos, hipóteses, problemas, problemática, postulados, teses, justificativas e motivos que levaram os escritores se empenharem em construir os textos que estudamos. Além destas unidades epistemológicas há outras, e que podem e devem ser registradas.

Este procedimento que nomeamos de *desconfiguração textual* decorre da ideia que temos de o texto escolar e/ou acadêmico ser uma espécie de *geografia textual ou literária*. A geografia humana é uma configuração de lugares, locais e territórios decorrentes da existência de um mundo específico: o das diversas formas concretas de trabalho humano que existem no mundo e promovem intercâmbio com a natureza. Por conseguinte, a geografia humana abriga em seu seio relações sociais, governos (sistemas sociais responsáveis em distribuir riquezas e poder) e recursos. Estas se materializam em diversas escalas que servem de apoio para os geógrafos projetarem imagens cartográficas que conhecemos como mapas.

Pressupomos que também é possível traçar cartografias textuais através de diversas escalas literárias, conformadas a partir da unidade básica do espaço textual. Esta unidade é a palavra, mas que no vocabulário dos conhecimentos objetivos ganha a forma e significado de *categoria*. Numa escala textual micro teríamos a categoria (forma de ser das coisas ou modo de existir das coisas existentes no mundo, as *categorias* são assim referentes do mundo, do humano e do universo). Mas há escalas categoriais maiores: os *complexos categorias*. Estes são constituídos por conjuntos de categorias, que se entrelaçam e se articulam, em termos

lógicos e coerentes, em um texto legível e inteligível na trama textual, elaborada por um escritor, para dar sentido ao mundo que deseja expressar. O que é possível por meio da representação do mundo por coisas que lhes dizem respeito: as palavras. O uso de palavras apropriadas, convencionalmente estabelecidas por uma determinada língua ou vocabulário, torna o mundo e o universo civilizável, comunicável, legível e inteligível. Isto é, socialmente possível. Os complexos categorias são revelados, exteriorizados e expressos em *ideias, conceitos, frases, parágrafos, textos e livros*.

A *geografia literária* é, portanto, composta por complexos categoriais, vocábulos, verbos, alfabeto, palavras posicionadas num lugar específico de um texto referenciado no mundo, no humano e no universo. Os componentes da *geografia literária* dão sentido e contribuem para expressar as nossas impressões, sentimentos e compreensões do mundo, do universo e do humano, na sociedade em que vivemos. Por isso acreditamos que faz todo sentido propor a construção de *mapas literários e textuais*. Esses mapas constituem um dos momentos fundamentais do método de estudo da leitura imanente: o *mapa das unidades significativas* e o *mapa das unidades epistemológicas*. Exercícios que agem simultaneamente com o momento do diálogo crítico, o momento do diário etnográfico e, por fim, a interpretação compreensiva. Vejamos seus desdobramentos na geografia textual.

DESENVOLVIMENTO

Imaginemos nosso vocabulário. A nossa liberdade está associada diretamente a ele. Os limites dos sentidos e percepções humanas são por ele determinados. Daí resulta a importância do estudo e da pesquisa, porque são essas atividades que cuidam da amplitude e assimilação do vocabulário. O vocabulário diz respeito às humanidades, à natureza e ao universo e a muitas outras coisas. Com isto podemos avaliar as consequências do que significa ser na sociedade letrada o analfabeto, mas também o analfabeto funcional e, sobretudo, o analfabeto profissional ou especialista. Podemos considerar as dimensões da humanidade daqueles e daquelas que tratam o estudo e a pesquisa como atividades banais, desprezíveis e sem relevância.

Vejam, o estudo ou trabalho pedagógico é a única atividade, inventada pelo ser humano, na qual trabalhamos a interioridade humana: alma e espiritualidade. Estas são nossos sentimentos, imagens, representações, afetos, emoções, intuições, percepções. Portanto, alma e espírito não são abstrações místicas e religiosas, entes metafísicos sem conteúdos. O tamanho e volume de nossa humanidade depende desses conteúdos. A expansão do nosso

vocabulário, determinado pelo número de horas dedicadas ao estudo e a pesquisa, expande a humanidade do nosso ser no mundo. Eis, então, a relevância do *método da leitura imanente*. O que se compromete sem um *método* que nos possibilite realizar estudos regulares e sistemáticos é a formação de si, o gênero humano, o próprio ser, a humanidade, a civilização. Talvez a tendência de estudarmos cada vez menos explique a tendência da violência e da barbárie tomarem conta da sociedade brasileira, inclusive nas escolas e universidades. O *bullying*, a violência simbólica estrutural, que se tornou uma praga contemporânea nas escolas e universidade têm, certamente, na ausência do estudo, uma das suas fontes. A expansão do fascismo, do ódio político às esquerdas e do fundamentalismo religioso também estão ligados a esta tendência de banalização do estudo, da pesquisa e da formação humana.

A eleição do clã Bolsonaro é um sintoma da barbárie desses novos tempos, de ascendência do conservadorismo liberal e neoliberal, do terrorismo miliciano que presta homenagens, remunera e condecora assassinos nos mandatos políticos, no parlamento burguês, por aquele mesmo clã. Mas a bancada evangélica no congresso brasileiro também é um sinal de barbárie. Para estes faz todo sentido “deus estar acima de tudo” e o livro estar no lixo do Meu Amigo Nietzsche⁵. Tudo indica, portanto, que a revolução que urge ser realizada pelo povo brasileira seja, hoje, a revolução civilizatória. Paratanto, o povo brasileiro precisa estudar, sobretudo os professores e estudantes – postulação que para muitos parece ingênua e ridícula.

O que nos parece ousado, corajoso e revolucionário perguntar, hoje, é: os professores e estudantes que trabalham em escolas, universidades, sindicatos de professores e organizações nacionais que representam os interesses dos professores e estudantes estudam? Quantas horas diárias se dedicam ao estudo (leitura e escrita, sobretudo escrever)? Quem afirma estudar, como estuda? Que métodos utilizam? Quais os resultados e/ou efeitos dos estudos e pesquisas nos corpos, corações e mentes dos professores e estudantes, e de todos(as) aqueles(as) que afirmam estudar?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para nós, portanto, o texto é um território, um espaço significativo em que palavras específicas ocupam lugares específicos em uma trama textual para dar sentido a exterioridade do mundo ou a interioridade humana, com a finalidade de a significação do mundo e do ser

⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNCKe7m9MJ0>

humano torná-lo compreensível às pessoas que vivem em sociedades específicas. O *território textual* é, desta forma, marcado pela literalidade, letralização ou literaturalização do mundo, constituído por uma série de relações teórico-textuais.

Se, por um lado, os textos são compreendidos como configurações geográficas, de sentidos e conteúdos complexos, portadores de regime de verdade e ordenamento do discurso, próprios das linguagens das ciências – aliás, todas as ciências se estruturam, necessariamente, referenciadas no mundo e no universo, na realidade e concretude desses, com a intensão de os representar e os expressar, o mais fielmente possível com seus precisos vocabulários. Mas esta linguagem, as atividades responsáveis por produzi-las e ou reproduzi-las, configurando-se textualmente desta forma, acaba também em se constituir em um mundo autônomo, independente do mundo e do universo, e que pode ser aprendida e ensinada; conforma um complexo social com categorias e seus complexos específicos, mas sem nunca poder se desvincular deles: do mundo, do universo e do humano. Linguagem, mundo e universo fundem-se em um ser singular, em um complexo sociocategorial.

Acontece que ao trabalhar esse ser diverso: linguagem, mundo, universo e o humano, e em suas diversidades científicas (ciências humanas, naturais e exatas), além de trabalhar em si, na interioridade do corpo, nós humanos nos obrigamos a aprimorar e aperfeiçoar essas linguagens, vocabulários, categorias, relações categoriais e essa fusão.

Desde que esse ser singular foi criado pelo ser humano ele obrigou o gênero humano, e para sempre, a aprimorá-lo e a recriá-lo. Este é o trabalho de todo estudioso, intelectual e pesquisador, de todo professor e todo estudante: recriar mundos literários e o mundo existente mediado por palavras-categorias.

O sentido social dessas formas sociais de ser no mundo, que se propõe a se ocuparem com as atividades do estudo e da pesquisa, isto é, os trabalhadores intelectuais: escritores, professores e estudantes estão comprometidos em trabalhar no aperfeiçoamento da compreensão e interpretação do mundo, do universo e do humano, por meio das ciências e seus vocabulários. É próprio das atividades intelectuais desenvolverem o máximo a capacidade de exposição literária do mundo e do universo, por uma linguagem clara e distinta, que não se confunde com a lógica de exposição, mas não pode deixar de estar associada a ela.

O esforço intelectual de escrever e retratar textualmente o mundo, o universo e o humano (seja ele o que for e qual for), por meio da escrita, é recursivo, é reflexivo, reflete nos pesquisadores: estudantes e professores escritores. Mas esse reflexo não é como o reflexo da nossa imagem no espelho. Pierre Hadot (2014, 2016 e 2017) o compreende como o *trabalho de si, em si e por si*, Foucault (1985, 2006, 2009, 2010, 2011 e 2012) como cuidado de si, e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Bourdieu (1996, 1997, 2004, 2008, 2013 e 2019) deixa em aberto a possibilidade de nele podermos realizar autoanálise.

Este labor é uma forma de trabalho singular, e o objeto sobre o qual os seus “laboradores” atuam, os professores e estudantes, estudiosos, é a interioridade humana: memória, sentimentos, imagens, afetos, imaginações, emoções, intuições, entre outros. E nós, estudiosos por obrigação, também temos que tomar essa interioridade como objeto de estudo, refletir sobre ela, o que significa refletir sobre nós mesmos e de nos tomarmos como objetos de-e-no estudo, porque esse fenômeno ocorre quando vivemos estudando: lendo e escrevendo.

Detalhe importante: tudo ocorre simultaneamente no nobre ato de estudar. O estudo é uma atividade que esculpe a interioridade humana. E o trabalho sobre a interioridade humana ocorre em todos os espaços onde realizamos estudos e pesquisas, não só em laboratórios onde realizamos experimentos, muito menos em salas de aula onde são socializados conteúdos das diversas disciplinas, ocorre sobretudo em nossas casas e bibliotecas, e auxiliados pelos mais diversos recursos que utilizamos para estudar.

Quando trabalhamos a interioridade humana, o que fazemos é despertar as latentes potencialidades de nossos sentimentos e sensações, trabalhando com a palavra. Atividade que nos abre ao mundo desconhecido, inclusive ao desconhecimento de nós próprios; nos abre também às gerações emergentes e as futuras gerações, não apenas à percepção do mundo existente, mas também do mundo transcendente, utópico, teleologicamente projetado no horizonte. É no estudo, e apenas nele, que a exterioridade do mundo tende a se coadunar e harmonizar com a interioridade humana em ebulição. A exterioridade do mundo e a interioridade humana se fundem no corpo por meio da linguagem e do trabalho pedagógico.

Apenas no complexo do trabalho pedagógico, mundo dos professores e estudantes, é capaz de acontecer o “milagre” dessa fusão, dessa galvanização, de criar e/ou transfigurar um ser diverso e múltiplo em um ser próprio e único: o corpo humano dotado de ampla espiritualidade, o ser humano sensível – as linguagens são conjuntos de palavras, de categorias, e categorias são formas de ser, modos de existência, por meio das quais o mundo é revelado aos humanos de uma forma singular pelo trabalho intelectual, o amor a sabedoria, o estudo. Este é, no fundo, a essência do trabalho do professor e do estudante, quase anulada e absolutamente negada na geografia do capital (BEZERRA, 2011; BEZERRA e AVELINO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os textos acadêmicos e livros didáticos são portadores de mapas literários e/ou textuais que precisamos descobrir para nele navegarmos com segurança e familiaridade, visando alcançar a plena compreensão e interpretação – tal descoberta e conquista nos liberta do medo do mundo desconhecido, da nossa ignorância, da linguagem do senso comum. O que, por conseguinte, nos proporciona segurança intelectual, eleva a autoestima e fortalece a autoconfiança em agirmos no mundo: assemelha à sensação de sairmos *das tormentas* para alcançarmos a *boa esperança*. Tal deslocamento nos exige aprender decifrar e ler os mapas textuais na geografia literária. Sem mapa não podemos navegar. E, como diz o poeta: “navegar é preciso, viver não é preciso”. Isto é, não há vida sem conquista da vida, a vida nos impõe a condição humana de conquista-la cotidianamente.

Esta condição é o que justifica o exercício espiritual de termos que identificar as unidades significativas e epistemológicas dos textos em geral, sem o que, numa civilização letrada, vivemos como “cegos em filme de banguê-banguê”. É com a posse dessas unidades textuais (mapas) que conseguimos penetrar nos lugares mais recônditos dos textos, lugares enigmáticos e obscuros da trama textual, onde se esconde os segredos textuais, os tesouros literários, a trama literária nodal, o *abracadabra* e/ou a *eureca* literária no espaço textual. Ao mesmo tempo, esses segredos, tesouros e descobertas estão referenciados no mundo, exteriorizam o mundo como ele é.

Nada se iguala a descoberta do mundo, do universo e do humano no estudo e na pesquisa nas humanidades, a compreensão precisa deles, e a justa interpretação do que se encontra escrito sobre eles. Mas há algo ontologicamente fundamental: aprender a estudá-los também é uma descoberta, ninguém nasce com o dom de saber estudar, para aprender e saber estudar é preciso trabalhar intensamente e sistematicamente a leitura e a escrita, e a vida inteira. Esta é a grande característica do trabalho intelectual realizado pelos professores e estudantes estudiosos.

É uma sensação mágica, porque o estudo é magia. E é essa magia que toma conta do ser humano, muitas vezes sem ele se dar conta. Magia que explica, por exemplo, a morte de Sócrates, a perseguição das mulheres nomeadas bruxas porque ameaçavam com seus conhecimentos o poder do império dos machos. A magia do estudo e dos efeitos dos textos literários também explicam porque filósofos, estudiosos e pesquisadores foram queimados vivos pela Igreja Católica, na Idade Média, a Idade das trevas.

O exercício da reconfiguração textual transforma a posição das pessoas estudiosas na geografia social. Isto porque transforma e amplia a cultura incorporada e as personalidades. Substitui o *ethos* da “ética protestante e do espírito [estético] do capitalismo”, o *ethos* da ética

deontológica e da pedagogia da prosperidade, por outro *ethos*, comprometido com a *ética das virtudes* e a *estética da existência*. Esta transformação é um processo socioterritorial, envolve as atividades de todos os professores e estudantes, os livros que são lidos e estudados nos bairros, municípios, estados e nações, ao longo da escolarização das populações emergentes, ao longo de sucessivas gerações. Este processo é sociogeohistórico, e se confunde com a eterna reconstrução civilizatória da humanidade.

Esta atividade socioterritorial, que é o trabalho intelectual de populações de professores e estudantes, nos obriga a ter que apropriar e/ou reorganizar espaços específicos para realizá-la. Há uma arquitetura e engenharia própria, que produzem a infraestrutura necessária, para atender estas ocupações e populações, e assim é no mundo inteiro. No projeto arquitetônico de escolas e universidades tem que estar desenhado lugares e espaços bem específicos, destinados às atividades de estudos e pesquisas. E, logicamente, quando esses espaços são efetivamente apropriados pelas pessoas, atores pedagógicos, e todas e todos aqueles que dão suporte ao trabalho pedagógico realizado nas instituições de ensino. A ocupação com o estudo e pesquisa por tais atores sociais produzem neles uma série de efeitos psicológicos, efeitos afetivos e emotivos, decorrentes dos atos de estudar: ler silenciosamente, verbalizar e escrever acerca do que se dialoga, estuda e pesquisa. E que pensamos ser necessário registrá-los para refletirmos criticamente sobre eles, pois trata-se de efeitos decorrentes de um longo tempo de vida a que todos e todas têm que se dedicar. E a vida boa, o bem viver, a tranquilidade da alma não pode ser banalizada por nós mesmos, humanos viventes. Não pode ser desprezada, por ser rara e preciosa aos mortais.

A reconfiguração textual e o posicionamento das pessoas na cidade, na geografia do capital, não é um ato espontâneo ou natural, ocorre numa acirrada luta de classes. Há sempre um conjunto de posições ocupadas por multidões de pessoas em formação contínua, como são as populações de estudantes e professores. É uma luta e disputa entre a liberdade de estudar (estudo, formação) e a necessária obtenção do salário de subsistência para sobreviver (trabalho, profissão).

Há um problema nisso. O tempo socialmente necessário destinado a formação é ambivalente, é o mesmo tempo em que ocorre a formação de si e o treinamento ou qualificação profissional. São formações que ocorrem, concorrem e disputam entre si a ocupação das pessoas pelo único tempo disponível que se tem para elas se dedicarem ou não ao estudo. Nesse tempo, que é único, o capital exige e impõe a todos nós, que nos dediquemos e priorizemos à qualificação ou treinamento profissional, a “formação” para o mercado de trabalho, “formação” que é hegemônica na geografia do capital ou sociedade do trabalho.

Desta forma, ao contrário de sofrer efeitos provocados pela reconfiguração textual, operados na formação de si, com a assimilação de novos vocabulários, regimes de verdade e ordenamentos de discursos, a hegemonia da qualificação profissional, na sociedade do trabalho, na geografia do capital, provoca e impõe efeitos específicos, que alienam as pessoas ao governo dos outros, daqueles que governam o mercado, o governo do capital, através da internalização de palavras, e do despertar sentimentos e pensamentos por textos essencialmente técnicos, e que valorizam a racionalidade instrumental acrítica, a ignorância de si, a negação da escrita de si e a reafirmação reiterada do desconhecimento de si. A formação assim efetivada produz os analfabetos funcionais e os analfabetos profissionais ou especialistas.

Assim, o método da leitura imanente é, de acordo com a perspectiva da filosofia freireana, um método de alfabetização, que trabalha na formação de si o direito e a liberdade de dizer o mundo, o universo e o humano com a sua própria palavra. Saber dizer e escrever a sua palavra é o que Paulo Freire reconhece como alfabetizado. Daí o sentido do vocábulo *palavra-mundo* em Freire. Porque, na realidade, não há mundo sem palavras ou palavras sem mundo, sem estarem referenciadas no mundo. Ainda que seja o mundo metafísico ou transcendente, o mundo do não-ser ou do nada, são necessárias palavras para descrevê-lo.

REFERÊNCIAS

BEKER, H. S. *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BEZERRA, C. *Estudo e Virtude: Formação de si no mundo com os outros e as contradições da educação brasileira*. Maceió: Grafmarques, 2019.

_____. *Sociologia do Trabalho Pedagógico & Formação Humana: Crítica à economia política do trabalho pedagógico*. Maceió: Grafmarques, 2019.

_____. *Professores Desacorrentados na-e-da Cé(lu)la de aula. Leitura Imanente: um método para resistir e emancipar*. Maceió: EDUFAL, 2019.

_____. *Geografia do capital: Teoria, pesquisa e intervenção social. Pós-doutoramento em Desenvolvimento Territorial e Educação do Campo*. São Paulo: UNESCO, 2011.

_____. *Conhecimento, Riqueza e Política: Um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci*. Maceió: EDUFAL, 2009.

BEZERRA, C. & AVELINO, D. *Território e Educação: Análise crítica das principais contribuições do Observatório das Metrôpoles*. Maceió: Grupo de Estudo Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico e Formação Humana, 2015.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. RJ: Vozes, 2019.

_____. *O senso prático*. 3ª edição. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. Efeitos de Lugar. In: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, pp. 159-166.

BRASIL/MEC. Secretaria de Educação Superior. Referenciais curriculares nacionais dos cursos de bacharelado e licenciatura/Secretaria de educação superior. – Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.castelobranco.br/site/arquivos/pdf/Referenciais-Curriculares-Nacionais-v-2010-04-29.pdf>> Acesso em: 15 ago, 2019.

BRITO, Luiz Percival L. B. *No lugar da leitura: biblioteca e formação*. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literária, 2015.

_____. Leitura: acepções, sentidos e valor. In: *Nuances: estudos sobre Educação*. Presidente Prudente/SP, v. 21, n. 22, p. 18-31, jan./abr. 2012.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, Volume II.

_____. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, Volume I.

CASTELLS, M. A. *sociCAMARGO, M. A. B. Alfabetização: introdução ao mundo do texto e ao texto do mundo*. Revista multidisciplinar, n. 3, jun. 2007.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CAPEL, Horácio. *Geografia, Ciência e Filosofia: introdução ao pensamento geográfico*. 2ª edição. Maringá/Paraná: Massoni, Volume I, 2008.

CAZAROTTO, R. T. *A Geografia do Conhecimento na Inovação do Território: um estudo a partir dos polos de inovação tecnológica – RS – Vale do Rio Prado e Vale do Taguari – R*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Geociências, programa de Pós-graduação em geografia, 2011.

COUMANS, F. *Escrita e Sociedade*. São Paulo: Parábola Editora, 2014.

Antologia de textos/Epicuro. Da natureza/Tito Lucrecio Caro. Da república/Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medéia; Apocoloquintose do divino Cláudio/Lúcio Aneu Sêneca. Meditações/Marco Aurélio; 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).

FERNANDES, B. M. *Territórios em disputa*. Disponível em <<http://www4.fct.unesp.br/nera/arti.php>> Acesso em 20, mai, 2011.

_____. Sobre a tipologia de territórios. In: *Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. Entrando nos territórios do território. In: *Campesinato e territórios em disputa*. São Paulo: Expressão Popular, 2008b, p. 273-302.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *A coragem da verdade: o governo de si II: curso dado no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *A Hermenêutica do sujeito*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *História da sexualidade: O cuidado de si*. 10ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, Volume 3.

GORZ, A. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.

GODELIER, M. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 19-162.

GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga?* 6ª edição 2014 e 2ª reimpressão 2017, São Paulo: Edições Loyola. 2017.

_____. *Filosofia como maneira de viver: entrevistas de Jannie Carlier e Arnold I. Davidson*. São Paulo: É Realizações, 2016.

_____. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014.

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

LEFEBVRE, H. *A cidade do capital*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LESSA, S. Ortodoxia e Leitura Imanente. In: _____. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011, p. 09-21.

LUKÁCS, G. *Ontología del ser social: el trabajo*. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

MARX, K. Grundrisse. *Manuscritos econômicos de 1857 e 1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

_____. *O capital: crítica da economia política*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, Volume I.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2001.

RIBEIRO, L. C. Qeiróz; KAZTMAN, R. (orgs.). *Acidade contra escola? Segregação urbana e Desigualdades Educacionais em Grandes Cidade da América Latina*.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton. et al. *Território, territórios: Ensaio sobre ordenamento territorial*. 3ª edição. São Paulo: Lamparina, 2011, pp. 13-21.

_____. *Espaço e método*. 5ª edição. São Paulo: EDUSP, 2008b.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª edição. São Paulo: Editora da USP, 2006.

_____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp. 2005.

_____. *Técnica, espaço e tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional*. 4ª edição. São Paulo: EDUSP, 1994.